



# TRIBUNA Livre

1  
Setembro  
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIR. PAULO BARBOSA DE MACEDO

EDIT. ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

IMP. JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROBRIEDADE: IRM. OS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Publicação: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR, 111 6111 - A M A B E S

## O Canal de Suez como Vedeta Internacional

Desde que Nasser, o duro e intransigente ditador do Egipto, largou a bomba da nacionalização do Canal de Suez, esta fez sacudir o mundo, num diabólico frenesim, que está a por mais uma vez à prova quanto pode a ousadia de um homem, mesmo quando nos seus actos há sentimentos pouco recomendáveis.

Os grandes e pequenos interessados nos negócios do Canal, na sua célebre reunião, esgrimaram-se naquela dialéctica diplomática que nada tem podido contra os factos consumados do passado e que certamente também pouco sugestionará o Sr. Absoluto do Egipto. Primeiro com voz de trovão e vocabulário totalitário e, após a conferência, ao aceitar o convite da Comissão dos Cinco, com um resvalar cauteloso para o campo da transigência, o Senhor Nasser procura consolidar a nacionalização do Canal, de que não abdica por forma

alguma, e data para ele tão célebre já foi assinalada com uma emissão de selos postais, comemorativa da sua decisão inabalável que, embora unilateral, mantém como uma escritura...

Para ele a nacionalização está escrita... e nada poderá demover a decisão do imperturbável grão-mestre da franco-maçoneria Egípcia, que fala de cátedra, tal como um faraó do alto do trono, de que se julga certamente o mais legítimo sucessor.

Contudo, os acontecimentos tendem a desenrolar-se num ambiente calmo e a política ardilosa, de características bem orientais, cheia de dilacões e de trejeitos políticos de toda a ordem, parece ter no moderno faraó do Egipto um cultor existimio, o que não é muito de estranhar, se tivermos em conta os mestres que adoptou. Desta espécie de novo eixo «Russia — Egipto — Índia» alguma coi-

sa terá de sair de sensacional no refinado campo da «guerra fria» do Suez.

Todos porém, para bem da humanidade, parece não darem ao caso a importância de iniciarem a «guerra quente», como muita gente supunha, e é fora de dúvida que grandemente concorrerá para este amortecimento nos actos bélicos, o factor atómico, que ameaça destruir o canal e desmantelar o mundo, em poucas horas.

O homem criou o delírio da força, mas há-de custar a utilizar-se dele. As bombas estão a encher-se de bolor e fazem assim melhor serviço à humanidade do que a servir de recreio aos tripulantes dos aviões de bombardeamento na flagelação de cidades e nações.

Até onde poderá ir o bom senso dos atingidos, não poderá calculá-lo qualquer ser humano, mas não há dúvida de que, sem ele, o mundo terá a visão apocalíptica de uma guerra atómica. Quanto maior o descalabro político provocado pelos nacionalizadores de algibeira vazia, maior dose de bom senso será necessário contrapor-lhe? E até quando? Serve-nos de exemplo a última guerra! Tudo tem o seu limite e é necessário que se não rompa o dique da moralidade, em que assenta todo o direito entre homens ou entre nações, para que a humanidade não se veja novamente envolvida na fúria da metralha, em turbilhões de sangue e ódio, de miséria e ruína, nessa loucura colectiva que se chama guerra!

(Continua na 4.ª página)

### Grande Feira Franca e Concurso Pecuário, em Bouro.

No dia 23 do próximo mês de Setembro, vai realizar-se no Largo do Terreiro em Bouro, uma grande feira Franca e Concurso Pecuário, que passará desde então a realizar-se anualmente.

Nela serão atribuídos prémios em dinheiro aos melhores exemplares de gado bovino, suíno e cavalari e ainda às chamadeiras de gado que se apresentem com melhor traje regional.

Os programas vão ser publicados dentro de breves dias.

(Continua na 4.ª página)

## Santo Agostinho Doutor da Igreja

Celebrou-se a festa de S.to Agostinho, doutor da Igreja, no dia 28 de Agosto.

Decorreram já dezasseis séculos sobre a vida, na terra, de S.to Agostinho, e as suas máximas e exemplos ecoam ainda por esses centenários longínquos.

Noto-o nesse Céu, entre milhões de Estrelas da Côrte Celestial, como uma luz que penetra através dos espaços a esclarecer os espíritos, e a temperá-los com o sol do bem, sol de que nos fala o Evangelho do dia deste santo «Vós sois o sol da terra».

Nos primeiros trinta anos de existência, Agostinho foi do mundo: foi levado na corrente da tempestade, aumentada, a cada momento, por enxurros de todos os lados. Só pensa em prazeres e a sua vida é abominável, todo o seu corpo pesa imenso para a terra, prestes a cair para sempre.

Mas... continuará assim, meu Deus? Este homem ter-

minará os seus dias como os que vive agora? Não lhe aplicais ó Senhor, os frutos da vossa paixão e morte? Ai! Ele caminha, pobre, cego, como um viajante, errante por noite escura.

Mas há qualquer coisa, a lembrá-lo junto de Deus; há qualquer coisa, de acção contínua, que vai transformando o pensamento de Agostinho: há, numa palavra, qualquer coisa, que há-de atrair a misericórdia de Deus sobre este pecador. Que será? São as orações de sua mãe, S.ta Mónica, modelo de perseverança.

As misericórdia do Senhor para com S.to Agostinho, começou a mostrar-se de maneira clara, por estas palavras que, certo dia, lhe soaram aos ouvidos: «Tolle, lege». Toma, lê. Toma a tua vida e lê as linhas tortas que nela trazes: toma o teu caminho passado e lê na planta dos teus pés; toma, finalmente todas as tuas misérias, e lê humildemente ao Senhor todos os teus desvarios, confessa que estás arrependido e ele te perdoará.

Desde essa hora, Agostinho já é outro: põe de parte todos os divertimentos mundanos, começa uma vida de penitência, enfileirando-se pelos rectos caminhos do Senhor.

Tendo já trinta anos o que não tirou que ele viesse a mostrar o seu grande talento sendo agora considerado

(Continua na 4.ª página)

### A nova sede da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo

Na passada quarta-feira, dia 29 foi celebrada a escritura de compra do terreno onde vai ser edificada a nova sede da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo.

Também o arquitecto urbanista encarregado do plano de urbanização, enviou o projecto da construção à Câmara com informação favorável à concessão da licença respectiva tendo a amabilidade de comunicar à entidade requerente a sua louvável atitude.

Assim estão resolvidos todos os assuntos que poderiam impedir a imediata construção do citado imóvel.

### O Périplo de África visto do «Vera Cruz»

## De Las Palmas a Luanda com paragem em S. Tomé

Por Paulo Barbosa de Macedo

Como últimas anotações de Las Palmas diremos que esta ilha, não obstante os seus altíssimos montes não possui qualquer fio de água e muito menos ribeiro ou rio, e isto em virtude da natureza vulcânica dos seus terrenos.

Só produz bananas e estas são regadas por grandes represas que se assemelham a estádios ou recintos de touradas, onde é armazenada a água das chuvas para depois, devidamente encanada, regar as ditas culturas.

Por iniciativa do governo estão a ser construídas cerca de 4.000 casas para pobres e 5.000 apartamentos em edifícios de 4 e 5 andares.

A caminho de S. Tomé o grande navio seguiu a costa africana aumentando a temperatura conforme caminhávamos para sul começando a aparecer enormes cardumes de peixes

voadores que ao levantarem voo em frente do barco fazem grande algazarra.

No dia 13 passamos à vista de Cabo Verde e de Dakar e com a ajuda do binóculo pudemos ver a importância deste porto da possessão francesa com prédios de 7 andares e um magnífico porto — mais uma vez se verifica que os estrangeiros, não obstante os seus domínios e não possuírem a situação geográfica ou a amenidade de clima da Madeira, Cabo Verde e Santo Tomé, têm magníficos portos, o que dado o contraste com os nossos, lhes tira o movimento.

No dia 14 passamos ao largo da Serra Leoa, Costa de Marfim e Costa do Ouro, ricas de vegetação e habitadas por pretos, enquanto a bordo se fazia uma festa abrilhantada

(Continua na 4.ª página)

# TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

## EDITORIAL

### Mar e ar, planícies e «cowboys»

Não importam as opiniões pessoais que temos sobre o cinemoscópio. Importa, sim, a conclusão a que chegamos, sobre tal assunto, no que respeita ao entusiasmo do público perante o maravilhoso encanto visual que, de qualquer modo, o cinemoscópio a todos tem transmitido.

E não há dúvida nenhuma de que o *cinema estendido*—como alguém já o definiu—é uma coisa deveras maravilhosa. O carácter das nossas opiniões pessoais, por mais justificadas que fossem, requereria, acima de tudo, da parte de quem nos lê, um conhecimento geral, embora pouco profundo e especificado, das gradações estéticas que se impõem numa obra cinematográfica, para que uma possível exposição pudesse ser aceite e compreendida por todos. Mas as reservas que temos para com o cinemoscópio não nos impedem, como espectador, de o julgarmos como um sistema cinematográfico de felizes consequências que, aliás, são evidentes.

Depois das boas impressões colhidas em «O Rio sem Regresso» e «O Jardim do Diabo», impõe-se a ambos o filme de Robert D. Webb, «Duelo no Fundo do Mar» que, pela sua natureza expositiva, simples e homogênea, se pode considerar como uma realização feliz.

Nota-se, na direcção do filme, uma confiança absoluta na interpretação do cinema em panorâmica, e, se aqui está o valor de película, na qual toda a descrição nos é feita em singular andamento de câmara, de carácter quase documentarista, está também consolidado um trabalho operativo de grande competência técnica.

Nós sabemos que a panorâmica ou, melhor, que a *filmagem panorâmica*, pode fazer-se por dois princípios que são dois elementares meios de nomenclatura cinematográfica: com a câmara imóvel ou com a câmara em andamento. No primeiro caso, a objectiva roda sobre si mesma, sendo a focagem de direcção lateral para os lados. (Geralmente para o lado esquerdo ou para o lado direito, tal qual um de qualquer de nós, parado, perante uma paisagem que bebemos com o olhar). No segundo caso, isto é, com a câmara em movimento, marcha-se sobre o panorama, procurando assim, muitas vezes, valorizar, com sínteses (primeiros e grandes planos), a focagem panorâmica.

Mas muitos cineastas desconhecem que um dos grandes factores na descrição em panorâmica, é o *ângulo*.

Ora, Webb, pelo que vimos, não o desconhece e o seu filme é, por isso mesmo, uma eloquente imagem de completa narrativa panorâmica tão simples como simples se torna a técnica cinematográfica quando na câmara se encontram operadores competentes, que sabem tirar todo o partido duma imagem que, no real, quase não daríamos por ela. As cenas submarinas, primeiramente postas em relevo pela alma poética e sensível do pescador de esponjas, são dum efeito surpreendente pela realidade e beleza que nos oferece.

Mas «Duelo no Fundo do Mar» é encantador por outros motivos. A sua história, só não atinge aquela humanidade plena e vibrante, por estar enredada por uma natureza dramática pouco afectiva. Bem posto, sim, a alegria e aspecto juvenil duma raça ou, melhor, dum núcleo familiar, igualmente bem sintetizado o religiosismo, a devoção e o sentimento heróico duma tarefa para a qual são precisos homens dum «temperamento especial».

Enfim, um filme, quase podemos dizer, sincero na sua mensagem cinematográfica.

A mais recente obra de Anthony Mann que vimos, e à qual queremos referir-nos, é «O homem que veio de longe».

Podemos dizer que foi, uma das vezes, que o cinemoscópio nos denunciou todas as suas peculiares características de sistema suficientemente capaz de nos transmitir, pelo colorido e nas dimensões laterais que o justificam, a beleza e a emotividade que é factor primordial duma linguagem que tem como elemento especial e específico a imagem em «plano», que, no cinema normal, atingiu não só eloquência plástica como também um estilismo fecundo e criador.

Nesta sua obra, Mann enquadra-se perfeitamente entre Stevens e Zinneman, ou seja: entre «Shane» e «O Comboio apitou três vezes» que formam, quanto a nós, os dois melhores filmes do moderno «western», depois do classicismo de Ford.

(Continua na 4.ª página)



A fotografatura que hoje publicamos, na qual nos aparece Danny Kaye e Angela Lansbury, é uma das felizes recordações dos momentos de descanso daqueles dois «astros» durante as filmagens do filme da Paramount, o *Bobo da Corte*, filmado em VistaVision. (FOTO DA PARAMOUNT).

### Shirley Mac Laine gostava de ser beijada a valer...

Estou decepcionada com os beijos no cinema. Não corresponderam em absoluto à minha expectativa.

São demasiado impessoais e nada daquilo que uma jovem espera que realmente sejam.

Tive sorte no meu primeiro filme que foi *O Terceiro Tiro* (The Trouble With Harry) de Alfred Hitchcock para a «Paramount». O galã que me coube nessa produção foi John Forsythe, um rapaz bonito a valer. E nela temos uma linda cena romântica... mas insuficiente. Devo dizer-lhes que a história não gira propriamente em torno de romance apenas. Mr. Hitchcock chama-lhe comédia: uma comédia a respeito dum cadáver. E realmente, acreditem ou não, faz rir quase todo o tempo.

Agora, no meu segundo filme, imaginem o que me aconteceu: Jerry Lewis! Foi em *Artistas e Modelos* (Artistes and Models) de Hal Wallis. Jerry quando me beijava ficava vesgo e fazia uma boca de esquilo que por pouco não me fazia rir. É uma joia de pessoa, mas acho que só teria a ganhar se fosse mais parecido com o seu parceiro Dean Marlin.

Sou robusta, vacinada, mo-

derna e moral, por isso não é extraordinário que eu pense no que pensam as outras jovens da minha idade: em sermos beijadas por astros de cinema altos, morenos e simpáticos, estreitados por fortes braços musculosos.

Além disso, sempre me disseram que os beijos são dados na sombra. Por causa disso, no cinema só faltam queimarmos com fortes luzes nessas ocasiões... Dizem que os namorados procuram a solidão para se beijarem. Mas no cinema há cerca de 100 técnicos e visitantes assistindo à filmagem das cenas românticas, de olhos pregados naquelas duas criaturas!

Eis exactamente o que se passa: Estou nos braços do meu galã. Alguém surge com uma taboleta numerada e planta-a defronte do meu rosto. Procuo ignorar a coisa, mas não posso deixar de me irritar quando vem outra criatura com uma fita métrica de lá da câmara até ao meu nariz. Nisso, o homem da taboleta estala duas tábuas tão perto do meu rosto que tenho medo de que tenha cortado as pontas das minhas pestanas. Estou pronta

(Continua na 4.ª página)

### Catorze películas serão apresentadas no 17.º Festival de Veneza, que está a decorrer

Está a decorrer o 17.º Festival Internacional de Veneza, com a participação de dez países, num total de catorze películas.

Participam: Estados Unidos, Espanha, Rússia, Japão, Alemanha, França, Itália, México, Grécia e Inglaterra.

O filme representativo de Espanha é *Calabuch*, obra de Luis Berlanga, o realizador o conhecido *Benvindo Mr. Marshal*.

Serão apenas atribuídos os prémios *Leão de Ouro* para a melhor película, e os *Colpas Volpi* para as melhores interpretações masculina e feminina.

O Festival, que se iniciou em 28 do corrente, terminará em 8 de Setembro próximo.

### «Convite à Dança», filme americano de Gene Kelly, Grandê Prémio do VI Festival de Berlim

O comité seleccionador ao VI Festival Cinematográfico de Berlim, há pouco realizado, atribuiu o Grande Prémio à película americana de Gene Kelly, *Convite à Dança*.

Por esse motivo, o Governador da República federal alemã, entregará ao embaixador de Washington, na Alemanha, o interessante troféu para o que está em curso uma grande cerimónia, que se realizará brevemente.

Eric Johnson, presidente da Indústria Cinematográfica dos Estados Unidos, receberá, também, um diploma de honra.

### «O Destemido», empolgante obra de Russel Rouse, para a Metro Goldwyn-Mayer

Entre a última remessa de filmes que a Metro anuncia, «*Encruzilhada de Destinos*», com Ava Gardner e Stewart Granger, «*O Tesouro do Barba Rubra*», de Fritz Lang, com Stewart Granger e Joan Greenwood, «*A Corça e a Espada*», com Robert Taylor e Kay Kendall, «*O Destemido*» (do notável realizador Russel Rouse, está indicado

(Continua na 4.ª página)

# TRIBUNA do CONCELHO

## O tempo ameaça grande prejuízo à agricultura

A chuva que ultimamente tem caído não é benéfica à agricultura.

Prevê-se um ano pouco fértil e verifica-se que as colheitas estão muito atrasadas, em relação aos anos anteriores.

Os milhos das terras regadias; estão poucos desenvolvidos, por falta de calor; o que infelizmente ainda este ano não foi sentido.

Os das terras mais secas apresentam-se com um aspecto muito bom; talvez melhor que os anos transatos, mas nota-se que precisam de uns dias de bom calor e talvez que após estes, se lhe possa meter a foice.

O vinho está também muito atrasado.

Que Deus se lembre de nós, porque a nossa agricultura, em especial a do norte do concelho, tem sofrido este ano prejuízos de grande vulto; como por exemplo o dos laranjais, que foi sentido por todos, especialmente pelo pequeno proprietário.

## Carrizado

No sábado findo, regressou a esta freguesia, vindo da Póvoa de Varzim, para onde se ausentara no dia 1 do mês em curso, o Reverendo Padre Manuel Joaquim Alves da Lomba, afim de retomar as suas funções sacerdotais.

Sua Rev.a, que se fazia acompanhar dos seus dedicados amigos José Manuel de Macedo, D. António de Sá Coutinho, Adão Arantes Russell e João Barbosa de Macedo, chegou a esta freguesia por volta das 22 horas. A grande maioria dos seus paroquianos, aguardava a sua chegada, e logo que esta se verificou, irromperam em delirantes aclamações a Sua Ex.cia Rev.ma o Sr. Arcebispo Primaz, à Igreja, e àquele bondoso sacerdote, a quem dedica uma leal e sincera amizade. Ao mesmo tempo, e enquanto os sinos repicavam alegremente, uma girândola de foguetes ecoava no espaço, levando, bem longe, a nota alegre daquelas almas, que, indiferentes a tudo mais, aguardavam, ansiosas, o regresso do seu muito querido e amado pároco.

No final de tão expontânea como alegre manifestação, Sua Rev.a, num breve, mas eloquente improvisado, agradeceu em palavras repassadas de emoção, a presença daquela multidão delirante.

Ainda para comemorar tão auspicioso regresso, celebrar-se-á, no domingo próximo, uma missa cantada na Igreja Paroquial desta freguesia, finda a qual, pela família Sá Coutinho Russell, será ofereci-

## Casamento

No Santuário do Bom Jesus do Monte e no passado Domingo, dia 26, às 11 horas, consorciaram-se o sr. Felisberto António Barbosa de Macedo, desta Vila, com a menina Carolina Antunes, da freguesia de Paredes Secas.

O acto solene foi celebrado pelo Capelão do mesmo Santuário, Padre Hilário Veloso de Barros, que no final dirigiu aos noivos uma notável alocução, repleta de conceitos doutrinares e de pareceres sobre a conduta a seguir, farta de eloquência e cheia de conselhos, plena de conhecimento e fecunda em directrizes.

Conhecendo o noivo dirigiu-lhe significativo elogio por si e pelos seus, antevendo um futuro de prosperidades para o novo lar.

O almoço foi servido no Restaurante Peninsular, na cidade de Braga, tendo a ele assistido perto de quarenta conviventes entre os quais se contavam além dos familiares dos noivos, o sr. Armando Barbosa, inspector superior do Banco Nacional Ultramarino e amigos da noiva, amizade essa vinda dos Estados Unidos onde se conheceram.

Aos brindes foram dirigidas saudações amigas aos noivos e expressado o desejo de muitas felicidades, findo o que seguiram em viagem nupcial.

## Amares

No Largo Dr. Oliveira Salazar, envolveram-se em desordem e da qual ficaram todos feridos, António Augusto Araújo da Cunha, solteiro, residente no lugar do Monte, da freguesia de Ferreiros, Manuel Fernandes Ribeiro, «O minhoca», casado, residente no lugar do Cabo, da freguesia de Prozelos, José Maria Almeida e Silva, casado, residente no lugar de Vibirelos, e Silvério da Silva, casado do mesmo lugar, ambos da freguesia de Ferreiros.

A G.N.R. tomou conta da ocorrência.

## Galdelas

Por terem entrado abusivamente na propriedade de Maria Amélia Fernandes, casada doméstica, e a terem espancado, queixou-se no Posto da G.N.R., contra Maria Rosa Simões, doméstica, e marido Manuel Veloso, alfaiate, ambos residentes no lugar de Real, desta freguesia.

Acusa-os ainda de lhe terem danificado as janelas e ainda de proferirem palavras que ofendem a moral pública.

do um almoço em honra daquele sacerdote, no qual tomarão parte numerosos dos seus amigos.

## Vida elegante

### Aniversários

Amanhã—O menino Rui Manuel Arantes Rodrigues.

Quinta-feira—O Reverendo P.de Filinto Manuel Correia da Silva Peixoto.

Quarta-feira—A Srna. D. Mariette Barros de Azevedo Dias e a gentil menina Marília Barros de Azevedo.

Sexta-feira—As Ex.mas Senhoras: D. Maria Judite Gonçalves Macedo Ferreira, Lucia Martins Dias Monteiro e o senhor José Joaquim Leite.

### Noticias pessoais

Encontra-se entre nós vindo de Lisboa a passar as férias o nosso estimado confratão e assinante Senhor António de Barros Gonçalves, acompanhado de sua Ex.ma Esposa e querida filhinha.

Férias felizes lhe deseja «Tribuna Livre.»

Esteve na nossa Redacção a apresentar cumprimentos, o nosso estimado assinante Senhor Adão do Paraíso Antunes. Muito gratos.

—Visitou pela primeira vez, os nossos serviços, o sr. Joaquim Monteiro (Jorge), nosso redactor.

Além da «Tribuna cinematográfica» e o Folhetim «A Estrada» é autor de variada colaboração para este Semanário.

Espirito de jornalista vivo, observador e crítico, com narrativa fácil fluente é um dos homens deste jornal.

## PROCURAS E OFERTAS

Excursão a Fátima em 13 de Agosto de 1957

Quem estiver interessado nesta grandiosa excursão, queira dirigir-se ao Sr. Augusto Victoriano ou à Farmácia Marques Rego, deste Largo Dr. Oliveira Salazar, e em Caires ao Sr. António Joaquim Dias, os quais lhe prestarão todos os esclarecimentos na aquisição dos respectivos lugares.

## Venda de Pinheiros

Na bouça do Penedo Pinto, estão marcados para venda, um lote de pinheiros.

Informa e recebe proposta o Sr. Augusto Dias Paredes, em Carrizado.

## Monsul

Para interesse público, se comunica que, nesta freguesia estão instalados dois telefones: —Posto Público—N.º 62147

## Bouro

### Novos estabelecimentos

João Manuel da Silva solteiro, comerciante, residente no lugar do Terreiro, da freguesia de Santa Maria de Bouro, deste concelho, requereu à Câmara Municipal de Amares, a concessão de alvará de licenciamento sanitário para funcionamento de um talho para venda de carne bovina (adulto e adolescente), caprina, suína e ovina e seus derivados, a instalar num prédio, sito no referido lugar e freguesia, pertencente a Maria Emilia de Sá.

Foi acusado de ter furtado uma certa quantia de chumbo Francisco Adriano da Fonseca solteiro, trolha, residente no lugar da sobreira, desta freguesia.

A queixa foi apresentada por António Lopes, casado, comerciante, residente no lugar do Terreiro, da mesma freguesia.

Depois das devidas averiguações pelo Comandante do Posto da G. N. R. deste concelho, concluiu-se que o Fonsêca furtou o chumbo, e por intermédio do seu cúmplice Manuel Simão Pinto, casado, vendeu-o ao funileiro Norberto de Jesus da Silva Gomes, ambos da dita freguesia de Santa Maria de Bouro.

António Lopes, casado, comerciante, residente no lugar do Terreiro, desta freguesia, apresentou queixa no Posto da G. N. R. deste concelho, contra José Joaquim de Sá, solteiro, agenciário, Agostinho da Silva Vilela, solteiro, comerciante, Luis Ferreira, solteiro, empregado comercial, Joaquim Carneiro, solteiro, pedreiro, todos residentes no lugar do Terreiro, João Carneiro casado, pedreiro, João Gomes Valadas, casado, jornalista, residentes no lugar do Lordelo, e Adelino Manuel de Barros casado, jornalista, residente no lugar do Chantado, todos desta freguesia.

São acusados de quando pela ocasião da romaria da Senhora da Abadia, terem danificado toda a loiça que o queixoso utilizava para vender café e refrigerantes aosromeiros e ainda de terem proferido palavras ofensivas da moral pública.

### Rendufe

João Macedo, casado, jornalista, residente no lugar da Veiga, desta freguesia, foi agredido por sua nora Aurora da Costa «A Taveira», viúva, residente no mesmo lugar e freguesia, resultando desta agressão o João Macedo ficar com um ferimento no frontal.

O ofendido conta a idade de 84 anos.

—Médico Dr. Vasc oncelos —N.º 62133.

## Caires

Queixou-se no Posto da G. N. R. deste concelho, José António da Silva Pinheiro, solteiro, residente no lugar da Igreja desta freguesia, contra António Abílio Machado, solteiro, e Joaquim Machado Rodrigues, solteiro, ambos menores e residente na mesma freguesia, acusando-os de terem agredido o menor Manuel Fernandes, também residente no mesmo lugar e freguesia, resultando desta agressão ficar ferido o Manuel num Joelho.

### Montariol

Para o Seminário Franciscano de Montariol, vão dentro em breve os meninos desta freguesia: Carlos Joaquim de Almeida Coelho e António José

(Continua na 6.ª página)

## HUMORISMO

### A capa da religião

Um padre estava pregando a um pequeno número de fieis. Como um medonho aguçado fizesse entrar muita gente na igreja, ele improvisou um sermão adequado que principiou assim:

—Há muita gente para quem a religião serve de capa; para os que estão agora a entrar serve de guarda-chuva...

### O analfabeto

Um indivíduo analfabeto recebeu, deante de outras pessoas, um bilhete em que um amigo lhe pedia um burro emprestado.

Olhou para o bilhete e, não querendo mostrar que não sabia ler, disse ao portador:

—Fico ciente, lá me tem daqui a um bocadinho!

### Dorme em paz

O marido de uma mulher rabugenta morreu finalmente, depois de quarenta anos de questões e de cenas.

A viúva, tendo encontrado no meio dos papeis do marido um contrato de seguro de vida de 200.000\$00 em seu proveito, modificou os seus sentimentos para com o defuncto e encomendou uma soberba lage para o seu túmulo com a seguinte inscrição: «Dorme em paz».

Mas tendo sabido na companhia de seguros que as cotas já não eram pagas há muitos anos e portanto não tinha direito ao seguro, enfureceu-se e ordenou que fosse acrescentado a seguir às palavras «Dorme em paz» as «Até ao nosso futuro encontro».

## O Canal de Suez

(Continuação da 1.ª página)

Portugal, país ordeiro, marcou a sua posição nesta encruza internacional, pela boca autorizada e criteriosa de seu Ministro e oxalá que tivessem as suas palavras concorrido para a possível solução do problema, que nos interessa especialmente pela posição de relevo que mantemos como frequentadores do canal—o 13.º em importância, por ironia colocado na escala estatística, entre a Rússia e a Índia—e sobretudo pela tradição que nos foi reservado manter no mundo naval, em todos os tempos. Portugal, que palmilhou o mar em todas as latitudes e o conheceu e conhece como ninguém, pôde ver em 1870, materializada pelo génio do engenheiro L e s s e p s, uma ideia de seu vice-rei D. João de Castro, exposta 300 anos antes no «Roteiro da Viagem de D. João de Castro ao Mar Roxo», em que indica o local mais apropriado à ligação do Mediterrâneo com o Mar Roxo. Não vá este ideal de um dos nossos grandes vice-reis tornar-se o objecto de uma nova conflagração mundial, é o voto mais ardente de to-

dos os portugueses pacíficos que, bem vistas as coisas, não há facto transcendente na história da navegação, em que o génio lusiada se não encontre, a não ser materialmente, pelo menos em vivo espírito. Eme

### «O Destemido»

(Continua na 6.ª página)

para os apreciadores do bom cinema.

Interpretado por Glenn Ford e Jeanne Grain, «O Destemido» (The Fastest gun Alive), é a história de um homem calmo e pacífico, e de uma mulher, que vivem felizes escondendo um segredo do passado... O segredo que envolve o feliz casal assenta-se no facto de um homem ser «mais rápido e certo» com a sua pistola em todo o Oeste!

Um soberbo e colossal duelo à pistola, com os antagonistas frente-a-frente!

A película, que será projectada em «Metroscope», é uma produção de Clarence Greene. O argumento, além de Russel, é sublinhado por Frank D. Gilroy.

Filme de *suspense* e emoção, lutas e amor.

## Shirley Mac Laine gostava de ser beijada a valer...

(Continuação de 2.ª página)

e em foco. E também meio tonta...

«Rodem» diz um dos técnicos.

«Acção!», grita o director Eis o meu grande momento!

O galã poisa os lábios no canto da minha boca. Eu beijo-o metade nos lábios metade na face.

É de melhor efeito na tela...

Ok, cortem!», grita de novo o director. «Agora vamos filmar do outro lado», diz.

Novamente os nossos lábios se encontram. Depois disso, o «makeup» do galã fica grudado à minha boca e sabe a repolho cozido...

No dia seguinte vai-se ver a projecção da filmagem da véspera. Na tela aparece: *O Terceiro Tiro*, cena 102, tirem 5... e acreditem ou não, a cena realmente parece romântica.

Mas quem sou eu para me queixar? Há 18 meses eu era uma corista que ganhava 75 dolares por semana. Longe estava eu de pensar que seria beijada por John Forsythe e Jerry Lewis, com luzes ou não.

(Shirley Mac Laine)

## O périplo de África visto do «Vera Cruz»

(Continuação da 1.ª página)

pelas 2 orquestras de bordo e os artistas Toni de Matos, Maria do Carmo, Domingos Marques, Maria Adelaide e Carlos Ramos.

No dia 16 chegamos a S. Tomé em pleno Equador. Percorremos de lancha 5 milhas para saltar em terra firme depois de contornarmos o forte da barra, construído pelos nossos antepassados e onde se vêm ainda 6 velhas peças de artilharia do século XV.

Embora sem edificios de grande relevo o aspecto de S. Tomé é agradável. Há um plano de urbanização que regula as construções o que dá origem a que o Estádio Duarte Pacheco e o cinema Império, nos pareçam um pouco deslocados em virtude de estar por completar a urbanização das respectivas artérias. Estão também construídos dois bairros para funcionários e as construções particulares vão seguindo seu curso.

A população é negra com curiosas veste garridas e as mães trazem os filhos atados às costas para lhes facilitar os movimentos apresentando-se com um à vontade surpreendente e sempre com uma saudação sorridente.

A vegetação de S. Tomé é

luxuriante e rica, verdadeiramente sem par e daí o facto de ser propriedades de algumas companhias e particulares do continente que têm aqui riquíssimas explorações de coco, cacau, café, óleo de palma, canela, quina e banana.

Pela companhia de «Água Ize», onde predominam capitais da Cuf, situada a 35 quilómetros da cidade, foi oferecido a todos os excursionistas um almoço que deu motivo a conhecermos as plantações da quella companhia—Cuf.

A meu lado seguiu o nosso conhecido Amaro de Macedo e na viagem pela estrada os nossos olhos extasiaram-se com quadros de uma beleza impar por entre milhões de coqueiros com seus lindos frutos e plantações enormes do apetecido café de S. Tomé.

A companhia «Água Ize» tem as instalações numa baía que é autentico oásis de sanhe com um pequeno porto, instalações de administração, bairros indiginas, igreja, hospital, creche, fábrica de extração do óleo de palma etc.

Armazens de selecção de café, cacau a secar em enormes eiras, serração de madeira isto é, uma autentica cidade com 10 quilómetros quadrados.

Negros dentro de factos brancos irrepreensíveis, com seus leques, protegiam enormes mesas das moscas, mesas essas repletas de doce, sanduiches, frangos e outras aves da ilha, assadas e trinchadas e uma infinidade de frutos diversos.

As bebidas estavam metidas em gelo e constavam de águas das Pedras Salgadas e do Luso, cerveja holandesa, vinhos colares loucelos, sumo de laranjas, laranjadas, licores e Wisques, notando-se nos serventes negros uma satisfação inconstante quando lhe pediamos qualquer das bebidas por acharrem isso uma honra.

Almoço variado, servido em pé e ao ar livre culminou com lagosta e espumoso à descrição e com a apresentação de um grupo de moços e moças negras, com as suas vestes garridas e cheias de clorido, latas e tambores nos brindaram com as suas danças e batuques características duas de movimento e cor.

Percorrida a ilha que no dizer dos mais viajados é a mais rica em vegetação do mundo, dirigimo-nos ao «Vera Cruz» percorrendo um mar infestado de tubarões.

Agosto, eu que todos os Domingos rezo várias ladainhas em sua honra, mandadas pelo povo...

—Olha, António Augusto, tu tens já, quantos Associados? 20.000? Vou enviar-te mais alguns de cá. Diz como o Santo Cura D'ares: «minha querida santinha» Eu pedi-lhe para acabar com os malditos bailes em África e Ela está resolvida: só quer que lhe rezem e pode ser assim.

## Visado pela censura

## EDITORIAL

(Continuação da 1.ª página)

Assim, enquanto «Shane» dominará sempre como imagem dum heroísmo violento e lendário; enquanto «O Comboio apitou três vezes» constituirá a forma perfeita do «western» onde o Oeste atinge uma plenitude antológica rica e humana, «O homem que veio de longe» quer-nos parecer o meio termo duma questão onde o homem tenta buscar a parcela de justiça e resgate.

A película de Mann pode e deve considerar-se como um trabalho valoroso, cabendo-lhe bem o lugar que lhe apontamos entre as obras citadas.

Como em «Shane», o herói deste filme traz consigo a mensagem do mistério, mas neste caso definida por um desejo de vingança. Mas «Shane» é como que uma presença mitológica, lendária, enquanto que o «O homem que veio de longe» se reconhece como uma presença real, com a qual terá que se viver...

Por outro lado, este filme assemelha-se bastante à notável obra de Zinneman e para tal justificar basta apenas lembrar a cena de pancadaria por sob as patas do gado ou, ainda, o processo de narração e as determinadas circunstâncias da história que deseja imprimir ao argumento uma sonância ocasional e uma força de independência para a qual não conta o destino...

Tanto na obra de Mann como na de Zinneman verifica-se a apologia do homem que, em dado momento, terá de matar ou ser morto.

Quaisquer que sejam as resultantes extraídas, e postas no laboratório de análises, toda a conclusão será, em face das obras de Mann e Zinneman, a de que o cinema «western» encontrou uma direcção cinematográfica que nos dá sobre o Oeste e o «cowboy» uma mensagem de flagrante recorte psicológico e dramático.

«O Homem que veio de longe» é uma película significativa na filmografia de Anthony Mann pela excelência da interpretação, conjunto, harmonia, andamento e realismo.

Dominou com pericia e engenho técnico as contrariedades dum sistema, cujo poder plástico e saboroso da imagem atingiu beleza, tanto nos exteriores, quase sempre escritos em panorâmica, como nos interiores onde se revela uma perfeita harmonia de luz e sombra.

De notar e pôr em saliência o jogo efectuado com os grandes e primeiros planos, pelos quais nos é dado presenciar todo talento de James Stewart—uma das maiores glórias artísticas do cinema.

Joaquim Monteiro (Jorge)

## Santa Filomena

Que são mulheres as encarregadas da Associação da Santa de mugnano: pois que queres? Já assim foi desde o princípio. Maria Madalena foi a primeira apóstola dos Apóstolos.

O Santo Cura D'ars chama-lhe a «minha querida santinha» e Paulina Jaricot foi curada em Mugnano. Qual? Não foi nada. Tudo isso é uma ilusão - Nunca existiu. Quem fi-

### Santo Agostinho

(Continuação na 1.ª página)

um dos dois maiores génios da humanidade.

Podemos definir a vida de S.to Agostinho com definição que ele mesmo deu de «obelo»splendor ordines. Esplendor da ordem. De facto a vida deste Santo, depois de convertido, foi de uma tal ordem esplendorosa, que soube manejar ordenadamente, grandes virtudes e notar no «além» dessas virtudes a constituição dos seus raios luminosos, adquirindo assim grandissima santidade e saber teológico. Foi declarado pelos santos Padres, Doutor da Igreja e é um grande Santo.

Ligamos também os seus passos de Santidade, e Terça-Feira dia de S.to Agostinho, não deixemos de nos congratular com ele e pedir-lhe que interceda por nós.

Agostinho de Jesus

cou em maus lençóis fui eu. Queria enviar-te o relatório de algumas graças alcançadas por ela mas assim... pois que não existiu... Em todo o caso escreve:

«Rev. Senhor: Venho respeitosamente comunicar a V. Ex.ª uma graça que alcancei por intercessão de Santa Filomena:

Há dias, alguém entrou no meu estabelecimento de noite, e levou-me alguns objectos de ouro. Pedi a Santa Filomena a graça de encontrar os objectos que me roubaram e sei que um amigo meu também rezou a Santa Filomena pela mesma intenção. Três dias depois, foi apanhado o detentor dos referidos objectos, no vizinho concelho de Santa Catarina, a 40 quilómetros desta vila.

Atribuo esta graça a Santa Filomena, a qual rogo a Vossa Ex.ª o favor de a mandar publicar. Com agradecimento, subscrevo-me de V. Ex.ª muito respeitosamente.

Tarrafal, 3 de Agosto de 1956.

José Lourenço Freire Andrade

Pois, Senhor José Lourenço Freire de Andrade, não diga Santa Filomena, diga antes—A Santa que não existiu...

E eu que todos os dias 10 de cada mês, celebro pelos associados dela, eu que assisto todos os dias a um bom número de fieis que se ajoelham diante dela a implorar as suas graças, eu que tinha planeado uma festa para o dia 11 de

# As Abelhas

## Sua Anatomia e Fisionomia

Por AVLIS

(Continuação do número anterior)

Oshimenópteros e dípteros são insectos sonoros.

O órgão que produz o zumbido é um véu membranoso situado entre os bordos das fendas estigmáticas e tendo na parte extrema uma visícula traqueana reforçada do som. Se colocarmos um zangão dentro dum copo, ouvimos logo um forte zumbido e, examinando as asas, apenas vemos tremer. Se taparmos com cera os estigmas, o zumbido do insecto ou cessa ou se torna quase nulo, pois o som produzido pelas asas é pequeníssimo chegando mesmo quase a ser despercebido. Os insectos têm uma audição, excessivamente desenvolvida, pois não só se reconhecem pela tonalidade dos seus variados sons, mas também por eles se distinguem os sexos e as espécies.

As abelhas quando ouvem ao longe o trovão, ou melhor quando dele se apercebem, fogem apressadamente para a colmeia, prevenindo-se a tempo das consequências da tempestade.

Este receio das abelhas pela trovada é aproveitada pelos nossos lavradores que, quando querem apanhar algum enxame fugido e não o deixar desviar-se para longe, costumam fazer ruídos que de qualquer forma assustem as pobres fugitivas, que logo a tremer de susto, ao primeiro som, abatem logo o vôo e pousam na

árvore ou habitação mais próxima.

O último e principal aparelho que falta descrever é o venenoso.

O aparelho venenoso compõe-se de vasos secretores comunicando por meio de longos fios tubulares com o reservatório acumulador de veneno, que é de forma bifurcada e tem um canal excretor que termina no dardo ou agulhão, no nosso meio mais popular é ainda conhecido pelo ferrão, formado por peças essenciais e acessórios e que está fixo ao corpo por músculos poderosos.

As primeiras são de textura córnea e polida e ocupam o centro do sistema constituído pelo agulhão e gorgereite. O agulhão é composto de dois estiletos muito delgados encostados um ao outro, formando ponta acerada e tendo um pequeno entalhar médio por onde corre o veneno. O agulhão é munido de dentes microscópicos, voltados para trás, e que lhe impedem a rápida saída do ferimento, onde, por isso, geralmente fica, o que faz com que, a maior parte das vezes, a pobre da abelha, ferindo morra. O agulhão da mãe é curvo e mais longo que o da fêmea obreira que é reto.

O da obreira tem nove dentes ou sarrilhas, o da rainha, cinco. Na base possui

o agulhão duas lâminas formando hastes divergentes, que servem para o impelir ou recolher. O gorgereite é constituído por uma goteira de duas válvulas unidas, envolvendo o agulhão; a base liga-se de cada lado com uma escama ventral. A ponta é acerada e os movimentos do gorgereite e do agulhão são quase simultâneos, mas independentes. Primeiro sai o gorgereite e depois o agulhão, e ao ferir, o reservatório do veneno abre-se e corre pela goteira até à ferida. O veneno da abelha é composto principalmente de ácido fórmico misturado com outras várias substâncias tóxicas, chegando a ser aproveitado para o alívio do reumatismo, pois há quem aproveite as picadas na região atingida para cura de tal enfermidade. Além de ser defesa, do insecto se libertar de numerosos inimigos que o perseguem, tem o principal mérito de servir para conservar o mel, dando-lhe aquele sabor especial que o caracteriza. A medida que cada célula fica cheia de mel a obreira encaregada de a tapar com um opérculo de cera, antes de proceder a esta última operação, mergulha o dardo ou agulhão no líquido afim de misturar ao delicioso néctar uma gota do mesmo, impedindo-o assim de se corromper e estragar. A picada da abelha pode ser mortal quando feita na parte superior do corpo; no entanto eu posso dizer que por tal motivo já devia ter morrido muitas vezes, mas cuidado, isto não serve de base por que há de facto casos em que se tem verificado mesmo a morte após as picadas quando são

# Santa Filomena

Artigo do Padre Custódio Ferreira de Campos, Missionário da Congregação do Espírito Santo em Cabo Verde.

Ainda me conheces? Nem sei. O prometido é devido, mas, desta vez, só desculpas e essas sem fundamento. Que tive muito trabalho, que queria escrever, que o tempo é pouco etc. e tal e mais nada.

Da última vez, (foi em Novembro, não foi?) eu prometia mundos e fundos, que ia ao Maio (e fui); que te ia dar grandes notícias sobre o canto de Matinas (foi realmente um encanto) e agora tudo ficou em águas de bacalhau; e ainda bem, porque seria um nunca mais acabar de porme-

numerosas, pelo que convém que o principiante acautele principalmente o pescoço, rosto e cabelo, com máscara própria, sempre que tenha de proceder a qualquer trabalho nas colmeias. Refiro-me principalmente ao principiante, porque para os velhos abicultores, as picadas são inofensivas, em virtude das referidas inoculações lhes permitirem uma especie de bacina que os torna refractários ao veneno das abelhas. Gubler, nos seus comentários terapêuticos escreve o seguinte, com respeito ao mesmo das abelhas: A primeira coisa a fazer é retirar o agulhão apertando a região a onde este está cravado, para evitar que se faça injectar o resto do veneno que vulgarmente fica no saco deixado pelo insecto.

(Continua)

nores e coisas muito interessantes, mas para nós.

Verdade que, do povo de Cabo Verde, que é muito bom, o do Maio, é excelente, e não tem padre, por isso o apreciam melhor quando lá vai. Agora está para chegar o Senhor Bispo e vai certamente dar sacerdotes a todas as ilhas. Soe depressa essa hora.

Que me dizes tu na última carta? que muitos padres não se importam com a nossa Ilustre e Querida e Milagrosa e Formosa e Advogada e tudo Santa Filomena? Que nunca existiu?

Olha António Augusto, isto vai de mal a pior: Lembra-me o dito de certos peregrinos do Senhor: Os padres dão cabo da religião».

Verdade que religião não consiste em pretensa virtude de uma «benzedeira ou herbanário». Mas também, ir ao ponto de dizer que Saanta Filomena nunca existiu é demais

Era eu estudante de literatura; em humanidades ferviam os peitos em questões de lirismo de Camões. Discutia-se o ano do seu nascimento, o berço onde se criou, o sol que o viu nascer (ou a lua, confome tenha sido de noite ou de dia) e quando a bravata tomava proporções maiores. Solene, Hierática Senhora de Si, Imponente, uma voz ressoou pontificante, triunfal e sonora—Meus Senhores, Camões nunca existiu... Assim se dirimem questões.

(Continua na 4.ª página)

Folhetim da "Tribuna Livre", — 16

# A Estrada

Conto de Joaquim Montelro (Jorge)

O sol coava-se. A cidade, no quente afaço vésper da tarde, punhada de sol, parecia uma rendilhada filigrana. Daniel mantinha os olhos nos contornos da cidade, da cidade que desejava possuir. Não compreendia a beleza daquele momento, estava alheado a todo um espectáculo de poesia natural, feita de sol doirado, de bulir de folhas, de mexer de ramos, de solidão, e ecos e murmúrios da terra e do céu. Tinha os olhos virados para um outro espectáculo, o espectáculo das desigualdades sociais. Pensava nos chefes de família em desespero, na juventude envilecida, nos jovens que amam e querem casar...

E pensou em seu pai; e gritou:

—Meu pobre pai! Sempre a trabalhar. Há cinquenta e cinco anos que trabalha... Foi ele um dos primeiros operários da casa... Ali passou a sua juventude, ali teceu esperanças, ali cresceu e se fez homem, ali pensou em casar, ali sangrou as mãos. Com essas mesmas mãos, durante esse tempo todo, criou seis filhos. Ali envelheceu. Ali morrerá. Ali passou a sua vida. Cincoenta e tal anos! O patrão e a indústria cresceram, enriqueceram. E ele?... Não achas que isto é cruel?

—O quê?

—Cruel, mas objectivo, significativo.

—O quê?—voltou David.

—O exemplo, o testemunho, a mensagem que meu pai traduz. Porque entriquece os patrões em tão pouco tempo, e os operários, que que trabalham anos e anos, continuam pobres?

—Já uma vez o problema me foi posto. Numa reunião de carácter social, quando eu fazia parte do elenco directivo dum organismo de carácter operário.

—Não achas que é cruel?

—Sim, é cruel.

—Isso é o grande problema. O resto é uma farsa, uma comédia. O mundo é dos bandidos, dos patifes. Não há vergonha. Por isso eu nego Deus, quando Deus se torna o tema dos filósofos, dos economistas, dos religiosos sociais. O erro está em os homens rotularem as suas ideias. Católicos, protestantes, comunistas, democráticos, socialistas—o diabo! Foge-se da realidade para o interesse do clã. É uma miséria. E, no fundo, nem há católicos, nem protestantes, nem comunistas, nem democráticos, nem socialistas—e o próprio diabo não passa duma pequena partícula da alma do homem eternamente selvagem. Acredita, David: o homem é um animal e o mundo uma selva.

VIII

A sombra do crepúsculo vespertino ia tombando. O ocaso rompia lentamente, como que indiferente, mas esplendorosamente lindo.

Momentos há em que o homem precisa fazer parte duma fauna irracional, deixando-se transportar ao esquecimento de tudo, para renascer, de novo, à fauna mamalógica. O homem tem necessidade de regresso ao misterioso mundo e à misteriosa fauna da sua origem de amor e instintivo selvagem, onde não há códigos nem leis, nem coração nem alma. O homem é um fugitivo. Tem sede de evasão, tem fome de esquecimento.

Como que a medo, o suave queixume da brisa penetrada, agora, por aquele pedaço de mundo sem civilização, e era cicio de voluptuosa quermesse, e era orgasmo de vida infinitamente eterna.

O homem não conhece o homem, mas se Deus confiou no homem, este deve de se esquecer de Deus para conhecer o homem inteiro—ele próprio, porque Deus e a virtude não se revelam espontaneamente no homem. David sabia que era assim. E sabia que Daniel estava mais perto de Deus, que ele perto do céu.

Por isso estava sereno, mais sereno que nunca, e esperava que o companheiro se combatesse, se lutasse, se conquistasse—e se salvasse. Ele continuaria a seu lado, a seu lado, a seu lado.

Recordou todo o desenrolar da tarde na companhia de Daniel—e sorriu.

(Continua)

## Grande exemplo de fraternidade!

É com um certo orgulho que trazemos para as colunas do nosso jornal um facto digno de ser conhecido dos nossos leitores.

Nestas paragens barrosãs—onde a montanha é sempre *um livro aberto*, com páginas que ninguém consegue fechar, mas que todos podem ler—deu-se um exemplo vivo de fraternidade cristã, possivelmente filha muito próxima dessa doutrina salutar que o saudoso P.º Américo secularizou em Portugal!

Aqui em Paradelo do Rio, no coração destas obras gigantescas, mesmo a dentro dos muros do Bairro da HICA, foi o palco escolhido pela Providência para desenrolar essa linda cena de amor ao próximo.

Às portas dos refeitórios, das cozinhas, dos pavilhões—dormitórios, e das vivendas, aparecia em rapazinho de farraposidade... esfarrapado... sujo... descalço... famélico... autêntico farrapo humano! Olhos muito vivos, feições simpáticas, despachado no seu pedir e atraente no falar, aquele bastardo da sorte nem uma sacola tinha para recolher as cêdeas de esmola...

Mas aqui vivem corações feitos pelo amor e para amar. Nem tudo é parcela de mundo podre, de mundo—procela, de mundo desataviado, podre de

ambição e de respeitos humanos.

Aquele pequenito deu nas vistas de um grupo de funcionários da HICA, quase todos casadoiros, todos empregados de Escritório e todos de coração bem formado. E... dito unânime, resolução firme. Entrevistam o pequenino João Luis. Revolvem adoptá-lo, que a mãe (?) abandonou-o quase ao nascer e o pai (!) bate-lhe se a criança o tratar por pai... ou lhe surgir no caminho!!! Mãos à obra. E vá de o lavar, que ele nunca se vanhara nos seus seis anos de idade. E vá de lhe fazer limpeza à cabeça. E vá de lhe encher o estômago vazio e pobre de alimento. E vá de o vestir convenientemente e calçar, que ele nunca usara calçado na sua vida!

Uma caminha afogada, ali mesmo junto deles, comendo à mesa comum dos seus benfeitores, livre de parasitas, liberto da fome e do frio, pleno de felicidade... o João Luis havia de proclamar que jamais voltaria a ser pobre e, num gesto cheio de gratidão é ele próprio—ele, os seus pais e seus benfeitores até aquele dia—que nomeia a sua nova família:

*Pai*—Armando Morais Sarmiento.

*Paisinho*—Mário Machado.

*Avó*—Joaquim Bernardo.  
*Padrinho*—João Carlos Mesquita.

*Madrinha*—Manuel Castro Liz.

*Tios*—João Fernandes, Alberto Baldaia, José Salgado e Manuel Soares da Silva (o tio brasileiro).

— \* \* \* —

Temos pena de não podermos documentar fotograficamente esta crónica. Queríamos demonstrar a certeza do que aqui fica dito. Hoje ninguém conhece o "pupilo" da HICA.

Rodeado de mimos, muito bem vestido e calçado, gorducho, de rosto alegre e sadio, feliz, dedicado, menino que já gozou um estágio na praia da Figueira—o João Luiz vai passear a sua "nova família", já não "passa cartão" (sic) a todos os seus conterrâneos... e mostra a "cova" onde vivia e... diz que agora já é rico!!!

É deveras comovedora a forma, o desvelo com que o tratam. Cotizam-se para as despesas. Pensam no futuro do *seu menino*. Cuidam da sua educação. E este punhado de bravos dá assim ao mundo de hoje, uma nota viva de que muito pode o coração humano, quando é verdadeiramente humano!

Que Deus abençoe aquele pequenino e proteja os seus generosos benfeitores!

Agosto, de 1956

Bernardino Ribeiro

## Album de coisas várias

Fui passar as minhas férias a Viana do Castelo, a consagrada *Princesa do Lima*. Já o ano passado assim aconteceu. Braga e Viana são os pontos base onde assenta o meu presente e o meu futuro. Gosto de Viana. Não me perguntem porquê. Porque gostamos duma cidade, ou duma mulher?... Tenho para mim que certas cidades são como certas mulheres: seduzem-nos. Não se pode passar sem elas. Longa pode ser a ausência, mas certo e infalível o momento em que a elas temos de voltar, por pouco tempo que seja.

Para falar de Viana do Castelo não quero saber nada do que sobre ela se tem escrito. Possuo três ou quatro volumes sobre os seus encantos, os seus monumentos, a sua estética, a sua monografia, as suas riquezas turísticas, as suas maravilhas naturais. Todas as cidades têm os seus encantos, os seus monumentos, a sua estética, etc., etc.. Não acredito que haja cidades feias, porque não creio que haja mulheres feias... Eu já disse que as cidades são como as mulheres. Uma mais maravilhosas que outras—mas todas lindas, vistosas, com sua graça peculiar, seus atavios enfeitadores.

Aprecio uma cidade no humor da sua gente, como aprecio uma mulher no grau da sua dedicação. O que mais me encanta em Viana do Castelo é o seu ar de cidade sem artifício. Tudo nos é exposto numa ambiência natural que nos dá a sensação de que Viana não esconde as suas virtudes e os seus pecados. A cidade entrega-se-nos, domina-nos e nós dominamo-la. É o amplexo do

ser com a terra, do coração e do espírito com as coisas que a natureza nos oferece. Misteriosa, segredante, extasiante.

Dizer-lhes porque gosto de Viana? Mas eu já disse! Então não compreenderam?!

Foram uns dias maravilhosos, os passados na *Princesa do Lima*, durante as minhas férias. Nem livros, nem jornais, nem apoquentações literárias—nada. O tempo corria e era bebido, beijado, sugado, como uma coisa rica e preciosa na simplicidade das coisas simples. E eu tinha o mundo nos meus braços, como homem algum jamais o teve. O mundo com todo o seu murmúrio de vida.

O sol aparecia tarde. As manãs na praia, a tarde no aconchego do lar onde duas crianças eram a luz benfazeja e redentora de novas esperanças. Ver morrer os dias do mirante de Santa Luzia, não era só assistir a um grandioso espetáculo de cor, mas quase tocar a Eternidade de olhos abertos e mãos quentes de vida e desejos.

Os dias correram velozes, e hoje, só recordações, lembranças, e tentar encontrar, em qualquer parte esquecida do meu corpo, o sabor do mar, o perfume da brisa, o calor, a ternura e os loucos desejos que fizeram que a alma dum poeta fosse, por momentos, a encarnação de toda a humanidade na sua dor e felicidade mais latente e mais ardente.

Voltaremos a Viana do Castelo nas nossas próximas crónicas, onde procurarei falar de alguns dos seus mais instantes problemas.

J. M.

### CAIRES

de Almeida Borges os quais já deram boas provas no exame de admissão e já têm nesse Colégio, toda a documentação em ordem. Que sejam fieis à sua sublime vocação, são os nossos votos e feliz início dos seus estudos sagrados.

#### Férias

Encontra-se em gozo de bem merecidas férias na casa de sua avó, do lugar da Cruz, a menina Maria de Fátima de Almeida Borges, distinta aluna do Colégio do Imaculado Coração de Maria, da cidade de Braga, e que no seu ultimo exame, ficara distinta com louvor. Parabens.

#### Para a praia

Encontram-se na Póvoa de Varzim, a tratarem da sua saúde o Senhor Manuel José Antunes de Almeida e sua Ex.ma Esposa Sra D. Maria Dulce Guimarães da casa do Padrão, desta freguesia. Que regressem bons são os nossos ardentes desejos.

#### Festa

No próximo Domingo, no lugar do Sobrado e junto ao formoso nicho das almas que ali são

veneradas e estimadas, realizar-se uma luzidia festa promovida pela briosa juventude daquele lugar. Há bazar de prendas, alto-falantes, etc. e cerimónias religiosas ali e na Igreja Paroquial. A receita destina-se para melhoramentos locais e instalação da luz eléctrica no Altar de Santa Filomena.

Avante Juventude.  
Chegou a tua vez  
Trabalha, canta e reza  
No campo Português.

#### Missa Solene

O brioso estudante do lugar de Freixeiro, Alexandre Pereira, acaba de concluir o seu brilhante curso do 5.º Ano da Escola Industrial e Comercial da Cidade de Braga, com distinção. Houve na Igreja Matriz de Caires, uma Missa solene cantada em Acção de Graças, sendo no fim, muito cumprimentado.

#### Carreira

Espera-se ansiosamente uma carreira que, da Feira Nova, atravesse esta extensa Freguesia e se dirija até Paredes Secas e dali siga novos rumos. Quando virá ela?  
C.

## Pelo Concelho

(Continuação na 3.ª página)

**Decorreram com grande entusiasmo e fé, as festas em honra de Santa Filomena, na freguesia de Prozelos!**

Prozelos-27-Realizou-se no pretérito domingo, as festas em honra da Mártir Santa Filomena, sendo este ano levadas a efeito por intermédio de um filho desta Terra, o senhor António de Barros Gonçalves e sua Ex.ma Esposa, residentes em Lisboa.

Este casal deslocou-se propositadamente da capital pelo motivo desta Milagrosa Santa lhe ter concedido uma das suas grandes Graças.

Do programa constou: novena, sermões e procissão de Velas.

No Domingo, missa cantada a grande instrumental.

De tarde, houve bazar de prendas, procissão com algumas dezenas de anjinhos e sermão, finalizando com uma sessão de fogo de artifício.

Esta festa foi abrilhantada pela afamada Nova Banda de Famalicão, que nos deliciou com algumas pias do seu vasto repertório, pelo que aproveitamos o ensejo para felicitar o seu digno Maestro, Prof.º José Joaquim Vieira. Todos os actos religiosos foram transmitidos

pela aparelhagem de som do F. C. A. «Feira Nova».

Estão de parabéns todos os Prozelenses, que para esta festa trabalharam e em especial o seu distinto Pároco.

F. A.

### Novos Assinantes

Junto de nós esteve o Sr. Casimiro Pinheiro, que há 2 meses chegou da Guiné, acompanhado de sua família, passar umas férias, a pagar a sua assinatura e teve a amabilidade de nos indicar para novos assinantes os Srs. Lucio Sepsen, residente em Contuburel, Feijão Quito, Guiné; e Hilário Veloso Barros da Costa, residente em Farim, Guiné.

Agradecemos-lhe a sua indicação.

Por intermédio de sua mãe, tivemos o prazer de inscrever como novo assinante o Sr. José João de Sousa e Silva, nosso conterrâneo, mas actualmente em Luanda.

Já lhe enviamos o presente número e agradecemos pela sua indicação.

Do nosso estimado assinante Sr. José Maria Meireles de Macedo, recebemos carta a pedir a inscrição de um novo as-

sinante o Sr. Adelino Pereira Veloso, da Rua do Crucifixo, 125, Lisboa.

Obrigados pela sua indicação, e já mudamos a sua direcção conforme seu pedido.

Junto da nossa Redacção esteve o Sr. Manuel António Fernandes de Bouro, a indicar-nos o Sr. Francisco Marques, da Rua Carlos José Barreiros, Lisboa.

Registamos este novo assinante, e esperamos do Sr. Fernandes a sua valiosa colaboração pela qual desde já muito gratos lhe ficamos.

Novamente recebemos carta do nosso estimado assinante Sr. Laurentino de Carvalho, em Lisboa, a indicar-nos como novo assinante o Sr. Arnaldo Domingos Dias, da rua Casalinho da Ajuda, em Lisboa.

Agradecemos a sua indicação.

Por indicação do Sr. Joaquim Barbosa de Macedo, tivemos a honra de inscrever como novo assinante o Sr. Fernando Duarte Pedroso, residente no Campo da Feira, Vila Verde.

Obrigados pela sua indicação e o presente número já lhe é enviado.

**Visado pela censura**